

NOVO TRATADO DA REFORMA DO ENTENDIMENTO

Por Victor Excelcius

Lisbonna, MMXXI

I.

Então, para que vivemos? Qual o valor da vida? Existe um caminho através da filosofia, tal como outros como a biografia, a biologia, a via do senso-comum? Será a finitude o critério definidor de “como se deve viver a vida”? Não nos impede de a viver essa consciência da finitude? Sim, como deve a vida ser vivida? E há algum propósito moral neste preceito da mente?

Se a ciência procura melhor a condição humana através do estudo dos discursos e comportamentos humanos, a ciência humana e social, onde inserir e como compreender a loucura e desrazão? Ao menos temos essas duas variáveis, que mais ou menos acidentalmente o homem atende e o cientista compreende. Mas, o que é feito do filósofo neste quadro de certa maneira “social”? A sociedade subsume-se à divindade, não é ela também uma totalidade das manifestações humanas? Não é o homem o centro esquecido, descentrado, da filosofia?

A viagem do espírito não será uma conquista estritamente espiritual? E o que o é não é também mental? Não precisa do homem de fugir de Si para se encontrar, sem ter de inventar a felicidade em espaços (mínimos) recorridos, recorrentes, num determinado espaço de maiores dimensões como a cidade? A cidade, de resto, é uma medina, a nosso ver.

Não é, por outro lado, a mulher (ou o homem) o Alter Ego do casal heterossexual ou homossexual? Sim, o casal é uma espécie de vertente incompatível do Ego mais ou menos solitário e nisto tudo assenta o mundo, a sua dimensão moral é levada ao extremos da consanguinidade, com ou sem dote, na dimensão nuclear da sociedade, uma microssociedade que a representa e anima. Mesmo o escritor que escreve para si é perseguido pela sombra do Outro, de que precisa para se alimentar espiritualmente (que provém na sua origem de espiritual, de espírito), em si mesmo e no Outro enquanto Si, no SI enquanto Outrem.

Assim, nos termos de uma filosofia social, há que oferecer um método à filosofia, ou seja, o método etnográfico, através do trabalho de campo etnográfico. É aí que

vemos o homem (e a mulher) em ação no seu contexto espaço-temporal. Não será, por isso preciso ir ter com as sociedade tradicional para compreender o homem, i.e., fazer filosofia sobre o homem e sua condição nos termos de uma determinação social, cultural?

E que construção é essa da sociedade que nos espera? Porque não liberalizar face ao suicídio? Veja-se o problema em termos filosófico-sociais e de autonomia do Eu. Se a sociedade ocidental conquistou a liberdade material, ela bem pode ser uma armadilha para aqueles que tendo conquistado tudo, não são felizes e daí pensam e constataam nada haver mais para conquistar, logo, gera-se um ciclo ruinoso de infelicidade que conduz às drogas, à morte por suicídio. Mas, desde que nascemos não estamos morrendo no e pelo mundo?

Depois, de outra maneira, a vida nem sempre é celebração, como querem fazer crer alguns antropólogos. Ela é também angústia, o que não quer dizer que a filosofia é obrigatoriamente angústia. Mas ela pega no Ser em decaimento e tentar compreender, em vez de levantá-lo, como que retirando dele a força para fazer uma ou outra coisa, dando-lhe o espaço, no tempo, na fímbria da virtude, para se levantar e erguer, para tornar a caminhar, pois a filosofia é antes de mais não a meta, mas o caminho, logo, felicidade, em vez de celebração nos termos do social e cultural.

II

Pretendemos recentrar o debate das ciências humanas sobre o homem, o sujeito da acção social, do discurso sobre as ciências, indiciando que se pode dotar a filosofia com o método da antropologia social, ou seja, o trabalho de campo de inquirição sobre a opinião do Outro acerca dele mesmo. Por outras palavras, trata-se de trazer de novo a maiêutica para o centro dos debates filosóficos. Isto equivale a que a filosofia considere como úteis, suas, as vocações da antropologia, arte, ciência ou meramente actividade, labor filosófico. Não só importa a opinião do sujeito, seja filósofo, mas a opinião do Outro, também, como o que costuma ser junto da antropologia e não precisa de ser primitivo. Por outro lado, o estudo da psicologia social, da etologia, da sociobiologia, faz de nós seres mais atentos ao desenrolar da vida social, entendendo as diversas vertentes de que se compõe o homem, de que é feito o humano e o modo como tanto desafia a realidade, social e física, como a ela de adextra, se adapta, para depois a transformar para seu benefício., Não quer dizer que o homem seja, segundo nos diz a religião, o rei da criação. Ele está no meio dos outros, incluindo os minerais e vegetais e não é a linguagem sonora que o torna superior, mas a capacidade de abstracção. Logo, ensejo de fazer filosofia. E, como definir Homem? Ele tem o dom de estar à partida enquadrado num contexto social, cultural. É essa pré-determinação que o define e mesmo que estava nas margens da sociedade, ele tem sempre consigo, carrega consigo, uma determinada identidade, ou seja , é id de qualquer, é “aquilo” qualquer coisa, sempre em relação ao Outro.

III

Então, o filósofo tem algum papel na sociedade? Se sim, qual? Aquele que todos os outros não querem, perdido e desviado do século? A fim de acasalar precisa de estar inserido nesse século, nos tempos que vão correndo? E que ideia particular tem a propósito do acasalar, se é que as hormonas se configuram nesse sentido? O filósofo não é, apenas, um organismo vivo com excesso de racionalização? Por isso, defendemos, o filósofo precisa de ser antropólogo, incorporar certos princípios da antropologia social, nomeadamente, ou seja, perguntar ao Outro o que ele pensa, seja primitivo ou não, para não ficar retido na Caverna todo o tempo, donde só sai para respirar e satisfazer necessidades básicas...

Conhecem a superioridade intelectual do filósofo. Mas, nem todos os filósofos são intelectuais, aliás, grande parte deles são preguiçosos e fazem depender da sua mente uma certa forma de pensamento, para não dizer que um certo número de pessoas. Então, qual o estatuto do filósofo na sociedade, do sociólogo, do antropólogo? Faz-se filosofia da ciência e muitos engenheiros ou matemáticos são filósofos sem terem feito um percurso académico no âmbito das ciências sociais e humanas. Uma ga bastante disruptiva esta...

A importância do filósofo é de qualidade intrínseca, ou seja, só o filósofo pode sentir a angústia e o desespero próprio do filósofo. Os outros, a não ser o filoantropólogos, não sentem esses sentimentos, logo, a utilidade social destes sentimentos à adstrita à condição de fazer filosofia, mais de ler, portanto, a capacidade de abstracção é uma actividade a que nem todos podem aceder e que se consegue com o tempo, com treino das mais diversas disposições do espírito humano que se estende, distende e percebe no tempo...

Porque se o Ser é importante na filosofia, o Pertencer o pode ser na antropologia e sociologia, ou seja, estamos adstritos uns aos outros e isso decide toda e qualquer empreendimento ético, também a propósito da finitude, ou seja, da contingência face ao tempo que nos pode fazer melhores pessoas, mesmo sem grande recurso à religião,

à explicação religiosa. O homem não o é sem, por outro lado, a máscara, a *persona* da sua personalidade, portanto o homem é sempre ator, seja em termos artísticos seja ator social, no plasma da paisagem humana do quotidiano do que se convencionou chamar de realidade em termos genéricos e realidade social em termos restritos.

Como, portanto, erigir uma ciência do social se o objeto de estudo está sempre em movimento, se nem mesmo a literatura ou a arte conseguem captar a imensidão do que é humano, da alma humana? Será a filosofia erguer esse edifício. Grande parte da filosofia não constrói, mas tem uma tarefa crítica. Como então compreender o homem, no deserto ou nas grandes cidades? Caberá essa tarefa à religião? A teologia é uma ciência, ciência do indivisível, do indizível?

IV

Na verdade, a questão comum em todas as relações é o poder, ou seja, o que organiza e silencia as pessoas é o poder de algo mais alto do que eles em termos de decisão, logo a religião cabe nesse âmbito. Acreditamos sempre em qualquer coisa (um totem) ou em alguém (um deus, uma autoridade) que é superior a nós, nunca inferior, pois também nós mesmos, mesmo infimamente, exercemos o poder, nem que seja face a um animal doméstico. O que é especial nos seres pouco afeiçoados a relações hierárquicas, de poder, que vêem a sociedade como potência e locus de igualdade, igualitarismo, é serem mais contemplativos do que ativos ou seja, para a sua vontade no ar antes que tomem uma decisão. Por isso não gostam de ser criticados. Normalmente, de uma maneira ou de outra, isso é uma forma de exercer poder, ou seja, eu não sou um sujeito eminentemente prático porque a praticidade gera a igualdade e o discurso filosófico gera instâncias e condições de um poder de certa maneira simbólico. Deste modo, é fácil ao filósofo, quero dizer, familiar, sentir náusea da sua existência e estar próximo de situações limite ou mesmo abusar de certos recursos, como a bebida ou o tabaco, pois ele está concentrado, está ocupado, de um mundo que não tem atores, em que ele é com sua mente, o único ator, por isso sente náusea e solidão que deixam moça na sua personalidade, na sua *persona* social e o tornam uma espécie de intocável da sociedade, ou seja “aquele que não pode ser tocado”, que se imita no comportamento e cuja opinião é respeitada, enquanto a turba está na folia ele lê e escreve tratados filosófico, de algum modo para se perpetuar a ele e à sociedade que o acolhe como pensarinho, pensador andarilho, onde o instrumento da sua percepção não são os sentidos, como em antropologia, a gastronomia e o vinho, os prazeres do sexo, mas o vício do pensar, muitas das vezes gerador de um certo complexo de inferioridade que ele sente, precisamente por não estar no reino (realm) do século, no presente, intocável e ao mesmo tempo fruto de uma sociedade, de um contexto de âmbito cultural, que ao mesmo tempo circunscreve e faz abandonar o seu sistema filosófico de pensamento.

Assim, como a vida actual é caracterizada pela máscara num contexto de peste. A máscara, no sentido antropológico. A peste, no sentido filosófico, ou seja, o que está ameaçado é a persona enquanto portador de máscara que esconde e dissimula o seu verdadeiro Eu, somos todos máscaras num contexto de uma peste que só a esfera doméstica pretende elidir ou, pelo menos disfarçar. Mas enquanto a máscara é medical, terapêutica, indica a função social da saúde, em termos de neurovisibilidade da esfera medical, médica, da sociedade, a peste evidencia o que é, provavelmente, o maior receita que o grupo nacional tem, em termos individuais e coletivos: o Juízo Final. Por isso ainda se realiza a Missa, mesmo que contando apenas com os celebrantes, os elementos do clero e o grupo de cantores. Sem assembleia, até Deus treme, porque não tem quem lhe dá existência, subsistência, proeminência, a saber, o povo.

Porque o Bom Deus é aquele que permite ser questionado na sua autoridade, como o chefe de família consentâneo com o destino dos seus filhos, das suas ovelhas, como os eleitores e cidadãos em democracia, ou seja, aferindo a manifestação dos direitos mais básicos, sejam eles animais sejam humanos, no palco das diferenças e das minorias, depurado por tanto século de filosofia e ciência.

Assim, o que o poeta reduz ao encantamento e adestramento da misticidade, o filósofo reduz à banalidade do motor do pensamento: o quotidiano, entre o deslumbramento e a pontualidade da celebração. O filósofo não vê, então, necessidade de celebrar, porque o seu êxito advém da sua ação-satisfação estendida no tempo que ele cumpre pelo seu status na vida quotidiana. Assim também, ele tempa respirar sobrenaturalidade do mergulho na cultura, pontuado o seu dia-a-dia pela espera do pensamento certo e, se escrever, da conceito e palavra certos, como se descrevesse o desfazamento das almas, quer em estertor quer em êxtase, ainda neste mundo e regressando a ele de que é testemunha. A cultura do filósofo é, então o Tempo, o tempo que ele tem para ser um poeta da ênfase da cultura e do movimento estelar dos astros e satélites de sentimento que podem habitar numa discoteca do Bairro Alto.

Assim, a esfera da praticidade é, antes de mais, a de construir, construir mundo e aumentar mundos a este mundo semi-construído, tornar doméstico o globo como nas globalizações dos Descobrimentos. Mas também é esfera de destruição, como demonstram as recentes guerrilhas pela independência em Espanha, na Catalunha e País Basco. Em termos sociais e individuais, sócio-individuais. Por outro lado, a esfera da contemplação tem que ver antes de mais com o contexto da religião, ou seja, contemplar, noutra momento da praticidade, a obra feita, ou seja, contemplar a ação em segunda mão e preparar nova ação, pelo que acção e contemplação, praticidade e teoria são apenas momentos diversos de um processo, no limiar da história e do engenho humanos. Daí a pertinência da antropologia no contexto de um

novo entendimento do Homem e do Cosmo.

E, colocando os termos de outra maneira, haverá lugar para a solidariedade entre quem faz filosofia nos tempos de hoje? A filosofia tornou-se, bem como outras ciências sociais, como justificação muitas vezes para o mal, para proteger o poder ditatorial dos media entregues sempre às mesmas pessoas, às mesmas famílias, bem como na política, no desporto em geral e no futebol em particular. Há, portanto, um discurso filosófico que, entre nós, tem que ver até com o exagero do mal, de modo a, como se diz, compreender a natureza humana em âmbito doméstico, num âmbito de possibilidades máximas que acabam por fazer adoecer os sentido e a razão pura das circunstâncias mais banais, promovendo uma sociedade do espetáculo e das românticas de pinga-amor, em vez do velho sonho do homem que quer construir casas na sua aldeia e arredores e que tem no seu ADN o mesmo que tiveram os empreendedores da revolução industrial, construir, construir, num derradeiro plano em favor da alteridade, do Outro, de entrega ao Outro das suas máximas possibilidades de viver e vencer, de singrar, de se “defender”.

VI

Como o vinho, a vida, a biografia, a existência, precisa de ser aquilatada e se temos isso, esse processo, através dos tempos em termos intergeracionais, eis a antropologia, a social e a cultural, ou seja, procura-se o elo perdido da existência humana, mas ele está mesmo debaixo dos nossos narizes, das nossas barbas, pois mesmo as gerações mais novas reconhecem certos princípios que, mais do que meramente educacionais, são culturais, têm que ver com um fundo comum que se vai transmitindo de pais para filhos, de filhos para avós, como laços que ora se fazem ora se desfazem com o uso e a domesticação do tempo num determinado espaço, num cosmo mais ou menos adequado, mais ou menos fabricado e pensado, evidentemente num contexto onde se tem de ganhar dinheiro para alimentar e preservar certos propósitos de vida nos termos da existência individual e familiar. Em tudo isto, há um tempo de vão da existência, ou seja, momentos de charco, que mais correspondem a dias e dias de melancolia e quase inatividade, porque se perdeu aquilo que de mais precioso a vida social tem, a saber, a interação e disso não pode prescindir qualquer filosofia, porque mesmo o eremita vê alguma gente. Ou já viu.

Depois, após isso, quando os cientistas sociais ou filósofos descobrirem o istmo, a ligação entre senso-comum e filosofia, muitas respostas poderão ser cabalmente dadas, ou seja, enquanto temos de um lado a maioria da população, em termos demográficos, atreita a um pensar de senso-comum, temos outra componente, os intelectuais, cuja via de compreensão da realidade é científica, erudita. Este fenómeno pode constatar-se na filologia, ou seja, na evolução da língua, como aconteceu com o latim, por exemplo. Havia em Roma uma forma erudita, a das castas superiores, e um latim vulgar, para uso do povo. Há interferências de um lado para o outro, de uma forma de linguajar para a outra, vasos comunicantes, interferências, interpenetrações e ambos os registos evoluem trocando entre si influências, sendo que o erudito se alimenta do vulgar e este, neste caso, acabou por definhar enquanto o do povo deu origem às línguas neo-latinas, mais conhecidas por românicas. No caso, a Igreja

desempenhou um papel definitivamente importante na composição do que é atualmente o português, moldou o que se foi dizendo, disse o que podia ser dito e não disse o que não podia ser dito.

A vida coletiva, social, precisa de ser atizada pela celebração e daí influenciar a exterioridade do sujeito. Mas se este não for a soma de todos e mais alguns, se não tiver chama intercambiável, em pouco tempo definha. Portanto, tanto a vida social quando a individual, precisam de ser atizadas, ora com as festas do santo da terra, ora pela relação amorosa. Será que o eremita, no alto da sua transcendência, tem recordações da vida anterior? Será que é ele que está na caverna ou serão todos os outros juntos entre si, por laços certamente fugazes em desamor, quando a existência no nos tempo aperfeiçoa e faz mais sábios, se soubermos encontrar um distinto equilíbrio ao longo dos dias? Mesmo o monge tem a sua comunidade, que obedece a uma regra bem específica. E, na vida social intensa ou no convento, não é a felicidade que está em causa? Não é a felicidade que todos procuramos no nosso caminho mais ou menos estrelado?

VII

Porque tem a antropologia na sexualidade humana um dos seus campos mais brilhantes, quando a filosofia parece, desde sempre, feita, planteada por homens, na sua generalidade cheios de defeitos e, acima de tudo, machistas? O espírito, retido num corpo de formas diferentes, tem dificuldade em compreender a sexualidade, a razão sempre foi inimiga dos sentidos. Mas será mesmo assim? Hedonismo, positivismo lógico, vanguardismo, qual dos movimentos tem razão e qual o papel do intelectual na vida de hoje, nesta sociedade praticamente pós-pandémica? Sim, porque estão em causa as relações, humanas e sociais e o vírus, a doença, alteraram o padrão das relações das pessoas entre si e, por arrasto, a forma de ver a sexualidade e os afetos na tela do quotidiano, que se tornou banal banalizado, em vez de festivo celebrado...

Então, qual o sentido da vida. Ser feliz é descobrir esse sentido? Ou há outra forma mais ou menos designadamente maquinal de extrair sentido para a mente e o coração desta nossa estadia entrecortada pelo tempo? Será o Tempo que nos rouba sentido e, logo, a felicidade? Se fôssemos eternos, seríamos para sempre felizes?

Assim também, esquecer e lembrar são dois dispositivos que fazem parte e propulsionam a ação humana. O que é, então, existencial à acção humana? A fenomenologia da verdade, o facto, a exatidão na relação com o meio, a produção de sentido que o ajuda a progredir no âmbito do espaço social e natural? O que é essencial à acção humana? O facto de a sua alma de estar sempre a grudar no espaço em redor e em diante, ao contrário da patologia que o separa do mundo e erige a razão como detentora da verdade... Seja como fôr, o que é uma existência? O objecto fora dos sentido? Ou apenas a essência transformada em algo que o sujeito apreende e faz relacionar com outros, de modo a efetuar uma cadeia de sentido, sobrevalorizada nuns momentos e noutros transformada em algo absolutamente banal? Precisa o filósofo, para o ser devidamente, de sair de Si, do Ego, para relacionar o Id com as coisas mais diversas da natureza?

VIII

Se o monge não pode ter o Ter, o filósofo pode. Mas o filósofo tende a anular territórios do monge, a ocupá-los, antes e depois de se deixar num pessimismo nihilista que caracteriza muito que nem desconfiam o papel avassalador da depressão e da doença mental, talvez porque nunca tenha passado por crises filosóficas, aquelas crises que fazem crescer e tivessem sempre dado valor apenas aos valores materiais e não ao Estar- Aí heideggeriano. Então, porque é o filósofo tão atreito a depressões e a carregar o peso do mundo? Porque ele se preocupa, o mundo, na sua possibilidade de eternidade, é fruto de antecipada preocupação. Por isso também, felicidade, como se só ele soubesse domar o tempo, inclusivé o Tempo do Outro e nada pedisse em troca senão o reconhecimento do seus escritos e a diatribe filosófica. Mas o filósofo vive no mundo, o monge não, mesmo que possamos ver os conventos como réplicas da sociedade, de uma certa forma de sociedade, onde é feliz, não sei se mais feliz do que o filósofo, iludido pelo consumismo capitalista e alheio às coisas da religião que não seja somente em termos cerimoniais, como que para cumprir um ritual de que logo se livra no andar do quotidiano, no rol banal da sociedade pós-moderna, hiperactiva, hipertextual, onde há muita gente a produzir sobre o mesmo tema, muita gente produzindo sobre os mais variados temas, numa sociedade que corrói a alta por falta de ética, mesmo que quando havia ética ao mesmo tempo ele, por outro lado, não existia. Consegue-se, então, nos dias, a felicidade com falta de ética? O que é na verdade, ser feliz? É como comer uma boa refeição? É obedecer aos autores clássicos, mesmo sabendo que grande parte deles é machista e patriarcal nos seus pensamentos? Daí advém o facto de haver poucas mulheres filósofas, a meu ver.

Thank You for previewing this eBook

You can read the full version of this eBook in different formats:

- HTML (Free /Available to everyone)
- PDF / TXT (Available to V.I.P. members. Free Standard members can access up to 5 PDF/TXT eBooks per month each month)
- Epub & Mobipocket (Exclusive to V.I.P. members)

To download this full book, simply select the format you desire below

